

# O limite do número

Com a justificativa de garantir a qualidade do ensino e melhorar as condições para o trabalho dos professores, o senador Humberto Costa, do PT de Pernambuco, apresentou projeto de lei que foi aprovado, em caráter terminativo, pela Comissão de Educação do Senado Federal. A matéria limita o número de alunos por classe e prevê que as turmas tenham até 25 alunos na pré-escola e nos dois anos iniciais do ensino fundamental. Esse limite passa a ser de 35 estudantes nos anos subsequentes do ensino fundamental e no ensino médio.

Segundo afirma o senador, não é possível tolerar o funcionamento de turmas com 40 ou mais alunos no ensino fundamental e 60 ou mais no ensino médio, muitas vezes com a motivação de falsa economia nas redes públicas e de lucratividade acintosa nas escolas privadas.

Não resta a menor dúvida de que, com uma sala com menos alunos, as condições de ensino seriam melhores e mais proveitosas. Mas, antes de tratar

desse assunto, especificamente, o senador deveria saber que, no caso das escolas públicas, apenas 18,4% da população de 0 a 3 anos estão matriculadas em creches, segundo dados de 2009. Na pré-escola, a situação é um pouco melhor: cerca de 80% dos brasileiros de 4 e 5 anos estão na escola, mas ainda há uma demanda grande a ser atendida. Na cidade de São Pau-

lo, por exemplo, 125 mil crianças esperam por uma vaga em creche e 42 mil na pré-escola.

Quanto à escola particular, o senador não pode se esquecer de que 46,6% do dinheiro pago por mensalidade são impostos, ou seja, praticamente a metade é destinada aos governos federal, estaduais e municipais. Se a carga tributária fosse menor, e se

©Adrian Hillman/PhotoXpress



# de alunos



os alunos ou seus responsáveis pudessem deduzir as despesas com educação no Imposto de Renda em 100%, como ocorre no setor de saúde, sem dúvida as mensalidades poderiam ser mais baixas, ou as escolas particulares de ensino poderiam diminuir o número de alunos por classe, o que já é feito atualmente em praticamente todas elas.

No momento em que especialistas de ensino se preocupam em adaptar a educação às novas tecnologias, que cada vez mais avançam, e deixam o País em situação difícil nas estatísticas mundiais, ainda temos 15

milhões de analfabetos, o que corresponde a 13% de pessoas com 15 anos ou mais.

Há muito ainda a se debater e desenvolver para que o Brasil tenha o ensino que a população merece. Insisto que é na educação básica, na passagem pela creche e pré-escola - uma fase muito importante para o bom desenvolvimento infantil - que se definem o potencial de aprendizado, a estabilidade emocional, os valores e as diversas habilidades. Várias pesquisas demonstram que quanto mais cedo a criança começa a frequentar a escola, maior a possibilidade de

que ela tenha um bom futuro, inclusive financeiro.

Antes mesmo de se debater o número de alunos por classe, é preciso reformular o sistema de ensino do País, dando condições principalmente para os professores realizarem seu trabalho com tranquilidade e melhor aproveitamento. Como se vê, temos muito ainda que avançar para termos um ensino público de qualidade. ■

\*Presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo (Sieeesp)

[benjamin@einstein24h.com.br](mailto:benjamin@einstein24h.com.br)

